

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

Departamento de História

FLH0421 - Ensino de História - Teoria e Prática: Prof^a. Dra. Antonia Terra de Calazans
Fernandes. Turno Noturno

Gabriel Henrique Borges	Nº USP: 10764381
Felipe Teixeira Rodrigues Devesa	Nº USP: 11252030
Lucas Castilho de Oliveira	Nº USP: 10764450
Maria Eduarda Couto Nascimento	Nº USP: 10703931
Samuel da Silva Nunes	Nº USP: 10853074

Proposta de uso do Kit Didático - A Guerrilha do Araguaia (1967 - 1974)

A proposta deste kit é trabalhar o tema da Guerrilha do Araguaia em sala de aula, com público preferencial indicado às turmas de terceiro ano do ensino médio, a partir da análise crítica de fontes documentais escritas. A Guerrilha do Araguaia cumpre um papel central na abordagem do período da ditadura militar brasileira que se inicia com o golpe de 1964 e se alastra até o ano de 1985. Neste contexto amplo caracterizado por intensas perseguições políticas, censura, terrorismo de Estado e cerceamento das liberdades democráticas, a resistência se desenhou de inúmeras formas: armada ou pacífica, urbana ou rural, direta e indireta. A Guerrilha do Araguaia foi talvez o episódio mais emblemático da resistência armada que se desenvolveu na região rural no período compreendido entre 1967 e 1974 na região sudeste do Pará, no território em torno do rio Araguaia, sustentada e dirigida por grupos de alinhamento marxista como o Partido Comunista do Brasil (PCdoB).

Em resposta às constantes baixas que os destacamentos da Guerrilha provocaram às posições do Exército Brasileiro e à organização da população rural da região, envolvida na mais profunda miséria e precarização do trabalho, a política de repressão da ditadura organizou um amplo aparato de contraguerrilha e extermínio sistemático dos guerrilheiros e da população, amparado por mecanismos ideológicos vinculados às esferas do exército e da sociedade civil ligada ao regime para justificar tais ações mediante a doutrina de Segurança Nacional e a lógica do inimigo interno tipicamente característica da Guerra Fria e da história militar da América Latina.

Um desses mecanismos criados no contexto da ditadura e que ecoa até hoje dentro da história produzida e influenciada pelas Forças Armadas é a deslegitimação, apagamento e negação da história da Guerrilha, compreendendo o esvaziamento de senso de propósito e objetivo de seus agentes e a ocultação da documentação que confere ao tempo presente o cotejo dos crimes contra os direitos humanos perpetrados por atores do Estado na região.

O presente kit busca provocar a apreensão de como esse discurso foi construído pela máquina de propaganda ideológica do Regime militar (como o “Orvil”, o projeto secreto da ditadura militar de criar uma contra-história do comunismo no Brasil que justificasse a implantação de regimes policiais) e em que elementos se apoiavam. Ao mesmo tempo, busca-se enfrentar tais posições utilizando documentação primária de guerrilheiros e dados socioeconômicos recolhidos pelo próprio IBGE àquela altura para demonstrar que os propósitos que orientaram a violência revolucionária não estavam abstraídos do tempo e do espaço, mas respondiam a um anseio geracional da juventude do período e às desigualdades históricas que sempre foram marca dos rincões mais longínquos do Brasil, as quais foram aprofundadas pela política econômica da ditadura.

Por fim, cabe demonstrar que essa memória construída pelos agentes da repressão é ainda viva e impacta os rumos da democracia e do Estado Democrático de Direito no Brasil na medida que a ocultação de tal história implica a desresponsabilização do Estado por crimes cometidos no passado. O kit termina promovendo a discussão de que o apagamento da história e da memória da Guerrilha é também um dado da sua história e memória, pois carrega um objetivo político claro de uso do passado para estruturar um projeto de futuro. Essa reflexão em sala de aula almeja valorizar o trabalho de recuperação da memória, verdade e justiça e do movimento da sociedade civil de contar sua história para que não se esqueça, para que nunca mais aconteça as graves violações aos direitos humanos que marcaram esse sombrio período da nossa história.

Lista de fontes

Documento 1 : Orvil - Volume II: A Terceira Tentativa de Tomada do Poder (1970-1973),
pp. 818-819.

Disponível em: https://www.academia.edu/42756504/Orvil_completo

**Documento 2 : Relatório Comissão Nacional da Verdade (CNV) - Volume 1 - Capítulo 14:
A Guerrilha do Araguaia, p. 680.**

Disponível em:

<http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/todos-volume-1/658-documentos-sobre-a-guerrilha-do-araguaia.html>

Documento 3 : Fundação IBGE. Censo Demográfico de 1960. VII Recenseamento Geral do Brasil: Acre - Amazonas - Pará. Vol. 1, T II, 1º parte. Rendimento mensal das pessoas de 10 anos e mais por sexo e grupos de idade, pp. 198 - 199.

Disponível em:

https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/68/cd_1960_v1_t9_mg.pdf

Documento 4 : DÓRIA, Palmério, BUARQUE, Sérgio, CARELLI, Vincent, SAUTCHUK, Jaime. História Imediata. Volume 1. A Guerrilha do Araguaia. S.l. Alfa e Ômega: s.d.

Documento 5 : MONTEIRO, Tânia. A aeronáutica vai investigar destruição de documentos. O Estado de S. Paulo. 14/12/2004 - Pag.8. Acervo Estadão.

Disponível em:

<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20041214-40600-spo-8-pol-a8-not/busca/Guerrilha+Araguaia>

Documentos

Guerrilha do Araguaia

Documento 1:

Aliando-se a essas dificuldades, o fato de que a maioria dos militantes das organizações subversivas era constituída de estudantes e intelectuais "pequeno-burgueses", despreparados e não dispostos a enfrentar tais dificuldades, pode-se inferir que essa conjugação de fatores tenha se tornado uma das causas e possivelmente das mais importantes, para que essas organizações permanecessem nas cidades e insistissem no terrorismo urbano. Na cidade, com um carro "expropriado" pode-se andar a mais de 100km/h e com uma nota no bolso, fruto de um assalto, está garantida a sobrevivência.

Vimos em capítulo anterior, militantes do MAR, num dos casos de treinamento de guerrilha rural, abandonaram as agruras do campo, trocando-o pelos assaltos a bancos e atentados na cidade, indiferentes à orientação da organização. E não havia "inimigo" na área. Vimos também, casos de militantes do PC do B que não se adaptaram à vida na selva, ou que se negaram a engajar-se na guerrilha rural e que tiveram de emprender a fuga da região, para não serem mortos pelos próprios companheiros.

Além desses aspectos, tendo em vista os segmentos sociais onde essas organizações recrutavam seus militantes e a sua faixa etária, pode-se aduzir outros já citados. Na selva, as ações são realizadas no anonimato, enquanto que na cidade, a notícia de um assalto, ou de um seqüestro, ganha manchetes nos jornais, permitindo que seus autores engrandecam-se aos olhos de seu grupo e tornem-se verdadeiros "heróis". Na selva, muitas vezes, quando uma morte se verifica longe das bases, situada a dias de penosa marcha, sequer a evacuação do cadáver do companheiro é possível, pois as dificuldades são tantas que seria uma odisséia inenarrável. Mesmo que as condições físicas tornassem esta ação de solidariedade humana possível, as condições climáticas e mesológicas não permitiriam tal evacuação. É sabido que na selva amazônica o processo de decomposição biológica inicia-se imediatamente após a morte e a putrefação é questão de horas.

RESERVADO

Guevara: "É fundamental que nunca pode surgir por si só uma guerrilha suburbana... portanto a função dessa guerrilha, não será levar a cabo ações independentes mas sim de acordo com planos estratégicos pré-concebidos". Debray é, porém, mais radical na condenação do terrorismo independente e assim definia essas "ações anárquicas": "É claro que o terrorismo na cidade não pode desempenhar nenhum papel decisivo e que traz consigo alguns perigos de ordem política. Mas, se está subordinado à luta fundamental, a do campo, tem do ponto de vista militar, um valor estratégico: imobiliza milhares de soldados inimigos, paralisa a maior parte do aparato repressivo em tarefas estereis de proteção...".

Concluindo, as ações desenvolvidas no Brasil, de seqüestro, de assalto, de assassinato e de "justiçamento", não cumpriram um objetivo específico sequer de uma guerrilha urbana.

A juventude brasileira e os intelectuais pequeno-burgueses foram iludidos ou iludiram-se, pois, sua luta, foi "sem sentido", sem objetividade alguma, meros atos de terror, de banditismo urbano.



Documento 2:

São Paulo, fevereiro de 1970.

Queridos pais,

Diante de tal situação atual, é preciso que se encare seriamente a questão de nossa vida e a que dedicá-la. Andei pensando bastante no assunto e cheguei a várias conclusões. Na análise que fiz pensei tudo; coloquei o específico dentro do conjunto, sei que nada adiantará continuar a estudar. Pela própria situação do país, cada vez se torna mais difícil para os jovens se manterem nesse estado de coisas. Não há perspectiva para a maioria dentro do atual status, muito menos para mim, que não consigo ser inconsciente ou alienado a tudo que se passa em volta. Sobre a proposta que me fizeram, cheguei à conclusão de que não posso aceitar, não posso largar tudo; seria atentar contra minha própria consciência. E, para mim, essa consciência é algo de muita importância. Minha decisão é firme e bem pensada, para mim nada vale o enquadramento dentro do esquema. No momento, só há mesmo uma saída: transformar este país, e o próprio governo é que nos obriga a ela. A violência injusta gera a violência justa. A violência reacionária é injusta, enquanto a violência popular é justa, porque está a favor do progresso e da justiça social.

O fato de eu não aceitar a proposta de vocês não muda nada a minha atitude de filho com vocês. Gosto e considero muito vocês, mas temo que não compreendam a grandeza do caminho que vou tomar. Temo que não entendam a nobreza dos meus ideais. Estou de mudança e não tenho endereço, mesmo assim quero manter correspondência com vocês.

Não se preocupem comigo, estou bem e seguro, não estou sozinho.

Um grande abraço,

Guilherme

[“Carta de Guilherme Gomes Lund para seus pais, datada de fevereiro de 1970”. In: MONTEIRO, Adalberto et al. *Guerrilha do Araguaia*. São Paulo: Anita Garibaldi, 2005, pp. 151-52.]



Documento 3:

RECENSEAMENTO GERAL DE 1990

15 RENDIMENTO MENSAL DAS PESSOAS DE 10 ANOS E MAIS POR SEXO SEGUNDO O RAMO DE ATIVIDADE E A POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO

N.º da ordem	RAMO DE ATIVIDADE E POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO	TOTALS			RENDIMENTO MENSAL (Cr\$)					
		Total	Homens	Mulheres	Até 2 100		De 2 101 a 3 300		De 3 301 a 9 900	
					Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
1	TOTALS (1)	1 035 219	517 956	517 263	29 700	24 297	60 726	8 617	90 435	8 292
2	Empregados (2)	159 703	126 710	32 993	14 672	16 188	18 074	2 429	19 809	3 986
3	Empregadores	5 339	5 020	319	59	25	176	30	277	17
4	Autônomos	207 959	188 010	19 949	14 229	6 806	40 280	5 232	56 314	3 534
5	Parceiros	2 258	2 013	245	291	88	703	110	689	27
6	Não remunerados	99 770	64 097	35 673	59	33	138	30	193	22
7	Sem declaração	485	470	15						17

CENSO DEMOGRÁFICO: ESTADO DO PARÁ

15 RENDIMENTO MENSAL DAS PESSOAS DE 10 ANOS E MAIS POR SEXO SEGUNDO O RAMO DE ATIVIDADE E A POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO

RENDIMENTO MENSAL (Cr\$)														N.º da ordem	
De 4 501 a 6 000		De 6 001 a 10 000		De 10 001 a 20 000		De 20 001 a 50 000		De 50 001 e mais		Sem rendimento		Sem declaração			
Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres		
85 934	10 021	44 996	4 599	16 104	1 346	7 089	319	1 209	43	187 967	459 059	3 706	670	1	
36 956	6 429	22 483	2 834	8 387	762	3 828	158	418	4	14		2 067	203	2	
	657	39	861	82	1 035	72	1 419	31	498	23		38		3	
46 382	2 756	20 372	1 071	5 781	249	1 392	64	261				999	237	4	
	226	8	73		10		9					10	4	5	
	100	20	15	12	40	3	7		4	63 631	35 550		3	6	
	3		3										447	15	7



Documento 4:



Aeronáutica vai investigar destruição de documentos

Comandante deu 15 dias para apresentar denúncia sobre arquivos que teriam sido queimados na Base Aérea de Salvador

REPORTAGEM DE FÁBIO BRASILEIRO

Flávio Monteiro

Entidades pedem explicações sobre papéis queimados
O Comando da Aeronáutica decidiu investigar a destruição de documentos militares em Salvador, Bahia, em 1964, durante o regime militar. O processo foi iniciado após a descoberta de que papéis sobre a guerrilha do Araguaia foram queimados na Base Aérea de Salvador. O Comando da Aeronáutica deu 15 dias para apresentar denúncia sobre arquivos que teriam sido queimados na Base Aérea de Salvador. O processo foi iniciado após a descoberta de que papéis sobre a guerrilha do Araguaia foram queimados na Base Aérea de Salvador.



Marinha nega ter arquivo do Araguaia

Comandante diz que não estranha papéis achados na Bahia

ENTREVISTA

ROBERTO DE GUIMARÃES CARVALHO

COMANDANTE DA MARINHA

Como comandante da Marinha, almirante Roberto de Guimarães Carvalho disse ontem ao Estado que sua Força tem documentos da época do regime militar, mas não sobre a Guerrilha do Araguaia. Segundo ele, os únicos papéis sobre a guerrilha que estão lá são cópias repassadas pela comissão do Ministério da Justiça. Ele disse não saber se entre os papéis da Aeronáutica queimados na Base de Salvador estão alguns da Marinha, mas observou que isso não lhe causa "estranheza".

PELO BRASH

DEBATE DO DIA

SEMPRE DO LADO

PT aprova reunião e cobra mais ajuda ao Haiti

Quarta-feira, 18 de junho

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

De Brasília

Marinha nega ter arquivo do Araguaia

Comandante diz que não estranha papéis achados na Bahia

ENTREVISTA

ROBERTO DE GUIMARÃES CARVALHO
COMANDANTE DA MARINHA

O comandante da Marinha, almirante Roberto de Guimarães Carvalho, disse ontem ao Estado que sua Força tem documentos da época do regime militar, mas não sobre a Guerrilha do Araguaia. Segundo ele, os únicos papéis sobre a guerrilha que estão lá são cópias repassadas pela comissão do Ministério da Justiça. Ele disse não saber se entre os papéis da Aeronáutica queimados na Base de Salvador estão alguns da Marinha, mas observou que isso não lhe causa "estranheza". "É óbvio que os órgãos de segurança trocavam documentos."

A Marinha ainda tem documentos de época do regime militar? Depende de que documentos. Da Guerrilha do Araguaia, não temos. De 1964 até hoje, temos vários. São documentos estratégicos, operativos, segredos tecnológicos, do nosso pessoal.

A Marinha tem documentos de ações desenvolvidas pela inteligência da força, em conjunto com o SNI, com dados das pes-

soas que eram de instituições consideradas clandestinas ou eram contra o regime? É possível que sim. Não sei.

A Marinha tinha documentos da Guerrilha do Araguaia? Certamente tinha. Devia ter.

Não tem mais? Não sei. Não sei porque é coisa pretérita. Temos documentos. Tem cópias de documentos que o Ministério da Justiça mandou para a Marinha. A comissão do Ministério da Justiça criada no ano passado mandou para a Marinha um volume considerável de documentos, de cópias xerox de vários documentos, alguns dos quais da própria Marinha. Mas eram documentos que alguém tinha, ou tinha cópia, não sei quem, e entregou ao Ministério da Justiça, que mandou para a Marinha. Esses documentos a Marinha tem e estão em Brasília.

O senhor vai mandar verificar se os órgãos da Marinha têm documentos da época do regime militar, e determinar que sejam reunidos e colocados à disposição da população? Não. Estou esperando qual será a determinação legal dos escalões superiores para ver que

procedimento a Marinha vai ter de cumprir. Eu não sei qual vai ser o procedimento adotado. Houve um decreto do presidente, que ainda não li, e vai ser resolvido como isso será feito. Quando houver determinação, cumprirei. A Marinha tem de aguardar as decisões do governo. Porque é muito genérico falar em documentos classificados. A Marinha tem.

Entre os documentos queimados na Aeronáutica havia alguns da Marinha. O sr. sabe foram parar lá e quais são? Eu não sei. Mas parece óbvio que os órgãos de segurança envolvidos trocavam documentos. Se é que apareceu algum documento da Marinha, eu não sei, isso não me causa nenhuma estranheza.

O senhor fica preocupado com o fato de estarem aparecendo documentos? É tentativa de criar clima de instabilidade? Alguns dizem que é revanchismo, o senhor concorda? Não sei, não falo sobre isso.

O senhor já conversou com o presidente Lula ou com o ministro da Defesa sobre o que fazer com documentos que existem? Ainda não. • T.M.



Atividades

Questão 1: O Documento 1 foi extraído do “Orvil” (‘livro’ escrito ao contrário), um documento produzido pelo alto escalão do exército em caráter sigiloso nos anos 80 para justificar que a Ditadura Militar brasileira (1964-1985), que promoveu a censura, torturas e assassinatos sistemáticos, teria sido na verdade uma medida de defesa da nação contra um suposto inimigo interno.

- a) Identifique o tema central do trecho selecionado.
- b) Sobre qual movimento político o documento está se referindo e quais grupos sociais os militares identificaram em sua composição?
- c) Como os autores do documento caracterizam esse movimento político e seus agentes sociais? Mobilize ao menos dois adjetivos do texto para compor sua resposta.
- d) Releia os dois últimos parágrafos e infira por que, para os militares da Ditadura, esse movimento político teria fracassado.

Questão 2: “Nascido no Rio de Janeiro (RJ), Guilherme Gomes Lund ingressou na faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no ano de 1967, onde conheceu Ciro Flávio Salazar de Oliveira, companheiro de militância que viria a desaparecer na guerrilha. Em 1968, participou da Passeata dos Cem Mil, o que resultou na sua prisão em flagrante por distribuir panfletos críticos ao regime [militar]. [...] Em fevereiro de 1970, mudou-se para a região da Faveira, no sudeste do Pará, onde passou a integrar o Destacamento A da guerrilha [do Araguaia].”

(Fonte: Memorial da Resistência de SP. Disponível em: <http://memorialdaresistenciasp.org.br/pessoas/guilherme-gomes-lund/>)

- a) Explique, a partir de elementos do texto, por que Guilherme escreveu essa carta para seus pais.
- b) Qual o posicionamento de Guilherme em relação a situação do país?
- c) Releia o último parágrafo da carta, infira qual é o caminho que Guilherme pretendia tomar e quais são as ideias que orientaram sua tomada de decisão.

Questão 3: Ainda referente ao documento 2:

- a) Compare-o com o documento 1 e identifique as diferentes concepções acerca da juventude e do engajamento político presentes em ambos.
- b) Comparando o último parágrafo do documento 1 e a carta de Guilherme, é possível criticar a afirmação de que a luta da juventude brasileira foi “sem sentido e sem objetividade”? Justifique sua resposta.
- c) Elabore um parágrafo com uma reflexão sobre por que os militares tinham a intenção de deslegitimar a luta política da juventude brasileira.

Para saber mais: Segundo a Comissão Nacional da Verdade, Guilherme foi assassinado em um massacre ocorrido no natal de 1973 contra um destacamento do PCdoB na guerrilha do Araguaia enquanto estava de cama acometido pela malária. Seus restos mortais jamais foram encontrados. (Fonte: *Memórias da Ditadura*. Realização: Instituto Vladimir Herzog. Disponível em: <https://memoriasdaditadura.org.br/memorial/guilherme-gomes-lund/>)

Questão 4: A tabela do IBGE do “Documento 3” apresenta índices socioeconômicos do estado do Pará correspondentes ao ano de 1960 em relação a rendimentos e ramos de atividade da população local. Essa região foi escolhida anos mais tarde como terreno principal da Guerrilha do Araguaia, conforme apontado pelo mapa do “Documento 4”.

- a) Com base nos números da linha 1 - TOTAIS apresentados pelo censo, em qual faixa de renda se concentrava a maioria da população do estado do Pará na década de 1960?
- b) Com base nos dados apresentados pelo censo na célula TOTAIS, e considerando as linhas 2 até 7 da tabela, em qual posição na ocupação (lugar dentro da cadeia produtiva) se concentravam os três maiores valores de população do estado do Pará na década de 1960?
- c) A partir das respostas dos itens “a” e “b”, o que podemos inferir sobre as condições de trabalho e a distribuição de renda no estado do Pará na década de 1960?
- d) Relacione a resposta do item “c” e os dados da tabela com o posicionamento de Guilherme em relação à situação do país durante os primeiros anos do regime militar.
- e) Observe os dados socioeconômicos presentes no documento 3 e os dados geográficos presentes no documento 4. Tendo em conta que todos se aplicam à mesma região,

relacione essas características socioeconômicas com a escolha do território do Araguaia para a instauração da Guerrilha.

Questão 5: A entrevista feita no ano de 2004 pelo jornal O Estado de S. Paulo com o comandante da Marinha (“Documento 5”), afirma que as Forças Armadas iriam investigar a destruição de documentos que se referem à Guerrilha do Araguaia.

- a) Analisando o discurso do comandante, qual é a resposta predominante às perguntas da entrevista? Que postura diante do assunto essas respostas sugerem da parte do entrevistado?
- b) Elabore hipóteses sobre o porquê desse recurso de fala ter sido escolhido pelo comandante.
- c) Com base nos elementos que o próprio comandante expõe na entrevista, qual seria a razão de ele não “estranhar os papéis achados na Bahia” e por que eles seriam importantes?
- d) Comparando o caráter falacioso do Orvil e a postura esquiva do comandante da Marinha com a carta do guerrilheiro Guilherme e os dados do censo demográfico do Pará de 1960, sintetize em um parágrafo a relação das Forças Armadas com a história da guerrilha do Araguaia.